



## POLUIÇÃO

# Ameaça crescente à vida nos oceanos

Contaminação de rios e mares com resíduos plásticos deve dobrar até 2030, segundo a ONU. Na tentativa de amenizar o problema, governos reforçam normas como a proibição do fornecimento de sacolas não biodegradáveis por supermercados

» JOÃO GABRIEL FREITAS\*

Agência Brasil



Estudos mostram que cerca de 85% do material nocivo que chega ao ecossistema marinho é constituído por embalagens plásticas

As recentes decisões governamentais e judiciais restringindo o uso de sacolas plásticas por estabelecimentos comerciais chamaram a atenção sobre o impacto desses produtos ao meio ambiente. Essa não é uma preocupação apenas brasileira. A substituição de plástico por materiais menos nocivos é uma tendência mundial. O último relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) discutido em assembleia da ONU, em março deste ano, indica que a poluição plástica é uma ameaça crescente em todos os ecossistemas. O levantamento aponta que a contaminação por plástico é pior nos meios aquáticos, cresceu consideravelmente nos últimos anos e deve dobrar até 2030.

Hoje, o plástico representa 85% dos resíduos que chegam aos oceanos, sendo que a projeção, se nada for feito, é de o volume triplicar até 2040, atingindo a faixa de 23 a 37 milhões de toneladas. Isso significa que, a cada metro de costa marítima do planeta, haverá cerca de 50 quilos de plástico. Por exemplo, a distância de João Pessoa (PB) a Lisboa, em Portugal, é de 5.745km, portanto, entre as duas cidades, serão esperados cerca de 287 mil quilos de resíduos no oceano.

No Brasil, de acordo com diagnóstico elaborado pelo programa Lixo Fora D'Água, da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), resíduos plásticos correspondem a 48,5% dos materiais que vazam para o litoral. Segundo o biólogo marinho do Instituto AquaRio, Rafael Franco, além de fazer mal aos animais dos oceanos, o lixo plástico tem consequências danosas para a sociedade humana e a dinâmica do planeta.

Franco explica que é necessário diferenciar macro e microplástico. O primeiro é visível, como sacolas e embalagens que podem tanto provocar intoxicação gástrica em animais marinhos, se



**É preciso reeducar a população para que a sociedade brasileira entenda que o excesso de lixo, principalmente plástico, contaminam o solo, os lençóis freáticos, e que isso retorna como malefício a todos"**

**Izabel Janeti, professora da Universidade de Brasília**

forem ingeridos, ou sufocá-los, se eles forem envoltos pelo material. "Tartarugas marinhas, por exemplo, podem confundir sacolas plásticas com algas, das quais se alimentam", observa.

Já o microplástico é um tipo de material invisível a olho nu, cujo maior problema é a chamada bioacumulação. Segundo Franco, vários estudos mostram concentração de microplástico em órgãos e tecidos humanos devido à ingestão indireta por meio de alimentos vindos do mar. "O microplástico é um problema silencioso. Já se fala que, hoje, há mais microplástico do que peixes no oceano", alerta o pesquisador do AquaRio.

Rafael Franco salienta que alternativas ao plástico vem sendo pensadas há muitos anos. A indústria de sacolas e embalagens, por exemplo, vem trabalhando

com materiais menos nocivos, como fibra de coco e casca de macaxeira, que são biodegradáveis. Porém, o biólogo pondera que o ideal seria a mudança cultural da população a respeito do problema casado ao planeta pela utilização massiva de materiais descartáveis.

"Vivemos um momento de transformação do debate a respeito da natureza, em que a pauta está se popularizando. O primeiro passo é falar sobre o problema, mas falta ainda definir o que podemos fazer", afirma Franco. "Com a proibição de sacolas plásticas, e a obrigatoriedade de utilizar materiais biodegradáveis, já partimos para uma discussão de política pública. Mas, ainda estamos muito atrás de outros países. Precisamos amarrar uma política eficiente para mudar a cabeça da população", emenda.

### Soluções

No Distrito Federal, desde agosto, vigora norma que veda a oferta de sacolas plásticas nos supermercados. Sandra Machado, de 52 anos, administra uma padaria artesanal na Asa Norte e aderiu à proibição, mas se queixa do "mau costume" de alguns consumidores e relata que nem todos reagiram bem à mudança. "Sempre têm aqueles que olham meio estranho quando não damos sacolas. No começo, vimos vários clientes reclamando, dizendo que a proibição era desnecessária. Tem uns conscientes, mas a maioria não traz nada de casa e sempre pede a 'sacolinha'. Acho que é cultural, tem gente que pede até duas para levar apenas um pão. Eu não entendo."

É o que indica também David Silva, de 19 anos, morador de

Riacho Fundo. O jovem apoia a não utilização de sacolas plásticas, no entanto, estranha que os mercados continuem oferecendo esse tipo de produto. "Acho que não é tão eficiente, porque as pessoas continuam consumindo em vez de preservar as sacolas. Alguns levam bolsas ecológicas e vejo isso com muitos bons olhos. Acho que devemos incentivar cada vez mais", pontuou o jovem.

Izabel Janeti, professora do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, ressalta que, para desassociar a tradição de acúmulo de lixo, é essencial que a população "ponha a mão na consciência". "É cultural, pois as pessoas pedem um monte de sacolas que poderiam não ser utilizadas. Então, também é preciso, em paralelo à legislação que está em vigor, uma reeducação da população, para que a sociedade brasileira entenda que o excesso de lixo, principalmente plástico, contaminam o solo, os lençóis freáticos, e que isso retorna como malefício a todos."

Segundo a especialista, as leis que obrigam o uso de sacolas biodegradáveis, mandam uma mensagem à indústria para desenvolver novos produtos que se enquadrem na demanda legal brasileira. "Caso os comerciantes cobrem algum valor por sacolas e isso ganhe um volume significativo, os consumidores terão que adotar novos hábitos, como as sacolas reutilizáveis, as 'ecobags', entre tantas outras inovações que o mercado é capaz de produzir", argumenta.

"O Brasil produz materiais biodegradáveis, mas em pequena escala, por isso eles ainda são caros para os varejistas e consumidores. Para mudar essa realidade, é preciso investir em tecnologia limpa, na inovação desses compostos biodegradáveis. Só assim vai baratear o custo para a população", completa.

\*Estagiário sob a supervisão de Odaíl Figueiredo

## OBITUÁRIO

# Luiz Galvão, fundador dos Novos Baianos

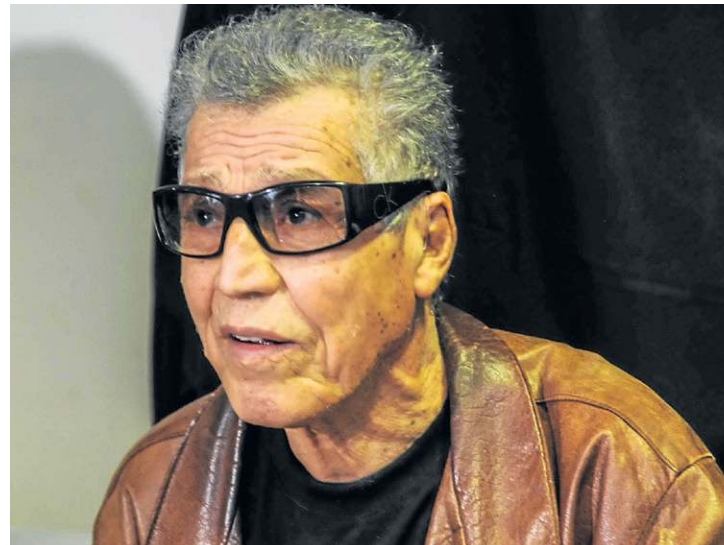
» RICARDO DAEHN

Quase 40 dias depois de suspeita de hemorragia gastrointestinal, que o levou à hospitalização na Santa Casa de Misericórdia paulistana, o poeta e compositor Luiz Galvão, aos 87 anos, não resistiu ao quadro debilitado da saúde, com uma nova internação na UTI do Incor (São Paulo). Por mais de 55 anos, a carreira musical de Luiz Galvão, nascido em Juazeiro (BA), em 1935, esteve atrelada ao grupo Novos Baianos, fundado por ele, ao lado de Moraes Moreira e Paulinho Boca de Cantor. Formado em Salvador, o conjunto agregou ainda os talentos Pepeu Gomes, Dadi, Jorginho Gomes, Baixinho, Bolacha e Baby do Brasil. A musicalidade e os conceitos hippie exaltados ainda ganharam o reforço de Charles

Negrata, Bola Morais e Gato Félix. A morte de Luiz Galvão, na noite do último sábado, foi confirmada pela esposa dele, Janete, e veio sem maiores detalhes. Galvão, que será velado, na tarde de hoje, na Sala Safira do Funeral Acre (Unidade Morumbi), deixou os filhos Kashi, Lahiri, Angelo e Cecéu.

Musicadas por Moraes Moreira, as letras de clássicos como *Preta pretinha*, *Acabou chorare* e *Só se não for brasileiro nessa hora* vieram da lavra de Luiz Galvão. Agrônomo de formação, o famoso letrista chegou a enveredar pela carreira profissional do futebol (ele era torcedor ferrenho do Vasco), mas a música falou mais alto. Para além do disco solo, gravado com a carreira já consagrada (Galvão, a palavra dos Novos Baianos), o músico e poeta, que ao longo da vida, sofreu

Barbara Cabral/Esp. CB/D.A. Press



com uma série de fragilidades na saúde (infarto, AVC e diabetes), enriqueceu as prateleiras das livrarias, com as publicações de *Anos 80: A história de uma amizade na década perdida*, *Ovos Brasil e Anos 70: Novos e baianos*.

Com muita influência na formulação de Novos Baianos, foi Tom

Zé quem, como fio condutor, apresentou Paulinho Boca de Cantor a Luiz Galvão. O primeiro show do futuro grupo, Desembarque dos bichos depois do dilúvio, estreou em 1968. À época da formação inicial, Luiz Galvão já era amigo de Buliu, irmão de João Gilberto — a figura-chave, como pai da Bossa Nova,

no iniciário saldo positivo para a música popular brasileira, a partir das estrepolias dos Novos Baianos. Numa análise do universo dos Novos Baianos, veio de Luiz Galvão o saldo: "Só acredito porque vivi, porque não dá pra contar". O grupo que teve como primeiro LP *É ferro na boneca!* (1970), em muito, foi capitaneado por Galvão. "Galvão foi uma pessoa que me atraía por sua loucura", comentou, ao *Correio*, o diretor de cinema Henrique Dantas, à frente de um documentário que fez história no 42º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 2009: *Filhos de João — Admirável mundo novo baiano*.

Na abertura do evento de cinema na capital, há 13 anos, coube a Luiz Galvão encerrar parte da irreverente magnitude e impacto do grupo musical: "Nossa história se confunde com a do Brasil na década de 1970, quando, de forma baianamente anárquica, driblamos a repressão militar da época". Gravado em 1972, o LP *Acabou chorare* — em 2007, dado como "o álbum" da música brasileira, pela *Rolling*

*Stone* —, veio com reverberante influência de João Gilberto.

Muito do vigor e da criatividade musical do grupo impulsionado por Luiz Galvão, e que regou pop-rock ao tempero de frevo, choro e samba, decorreu da vida integrada em comunidade cultivada pelo grupo, num sítio em Vargem Grande (RJ), onde criavam músicas e disputavam partidas de futebol. O lançamento do disco *Novos Baianos FC*. (1973) coroou esta fase, poucos anos antes de 1978, quando foi anunciado o encerramento das atividades. Os Novos Baianos retomaram, entretanto, a afinidade em momentos circunstanciais como o da participação, em 2009, na Virada Cultural paulistana, e voltou a fazer barulho com os lançamentos dos álbuns, ao vivo, *Infinito circular* (1997) e *Acabou chorare — Novos baianos se encontram* (2017). Pelas redes sociais, a amiga Baby do Brasil tratou da "imortalidade" de Luiz Galvão, ressaltando a identidade e o "estilo inconfundível" do poeta.